

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1361 - 19/09/2016 a 25/09/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

PANORAMA

APESAR DA CRISE, AVICULTURA CONTINUA FORTE

ELEIÇÕES

Os representantes
do campo

SENAR-PR

Preparando gestores
de pessoas

www.sistemafaep.org.br

Apesar de se manter em crescimento, o agronegócio não conseguiu ficar a margem da crise e tem que enfrentar as consequências como o aumento do custo de produção. É o caso da avicultura, tema do Panorama Agropecuário desta semana.

Menor número de pessoas empregadas e menor consumo no mercado interno impactaram a cadeia. A edição desta semana também apresenta duas propostas que podem contribuir para este e outros problemas. A primeira se resolve da porteira para dentro capacitando gestores. Pessoas preparadas para gerenciar equipes obtendo o melhor resultado e reduzindo a rotatividade de mão de obra.

Do lado de fora da porteira se resolve votando bem. Escolhendo candidatos capacitados, íntegros e éticos. Nas eleições deste ano temos agricultor como a profissão mais comum entre os candidatos a prefeito e vereador nas próximas eleições, tanto no Paraná como no Brasil.

O que esperamos é que, a experiência de produtor possa ser usada no cargo público para viabilizar as demandas do agronegócio. Entre as principais necessidades, está a de estradas rurais, que consta nos documentos apresentados pelos sindicatos aos candidatos.

Em Irati, por exemplo, após a reunião, o presidente do Sindicato levou os candidatos, incluindo prefeito e vice-prefeito, a fazerem o mesmo trajeto de ônibus que as crianças realizam para frequentarem a escola. Por ironia da vida, o ônibus encalhou. Saiba mais sobre essa história nas páginas desta edição.

Boa leitura!

Índice

Agrinho	03
USDA	04
Eleições	06
Memória	10
SENAR-PR	12
Fertilizantes	15
Artigo / Nota	16
História - A Era Vikings	18
Panorama Agropecuário - Avicultura	20
Safra	24
Sanidade	26
Conseleite	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editora:** Cynthia Calderon | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1361: Fernando Santos, Milton Doria, Ciro Ivatiuk/Jornal Hoje Centro Sul, MP-RS, Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

Divulgados vencedores na categoria Município

Moreira Sales, Ribeirão Claro e Quatro Barras são os primeiros colocados



Ganhadores estão relacionados no site do Agrinho

O município de Moreira Sales é o grande vencedor estadual da categoria Município Agrinho do Concurso Agrinho 2016. Na segunda colocação ficou a cidade de Ribeirão Claro seguida pelo município de Quatro Barras. Os ganhadores na etapa estadual foram definidos na semana passada pela banca formada por educadores de universidades, parceiros e técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR que realizam a avaliação dos milhares de trabalhos inscritos no programa desde a segunda quinzena de agosto. “São mais de 20 dias de trabalho minucioso. No total, os trabalhos que chegam a final passaram pelas mãos de sete avaliadores”, destaca a pedagoga Josimeri Grein, uma das responsáveis pelo Programa Agrinho.

Além dos três premiados no âmbito estadual, os municípios de Arapoti, regional Ponta Grossa; Bituruna, regional Irati; São João, regional Sudoeste; e Goioerê, regional Campo Mourão, foram os primeiros colocados no âmbito regional. “Os vencedores atenderam a proposta do envolvimento dos municípios [prefeituras e secretarias] no programa Agrinho, desde viabilizarem palestras,

viagens técnicas e suporte aos professores, entre outras ações”, explica Josimeri.

Como prêmio para os vencedores estaduais, as autoridades educacionais de cada município irão receber um notebook. Além disso, as prefeituras de Moreira Sales, Ribeirão Claro e Quatro Barras terão um projetor multimídia para sortear entre as escolas participantes do programa. Os autores dos relatórios classificados na fase regionais serão premiados com um tablet, enquanto notebooks serão sorteados entre as escolas participantes do programa dos sete municípios vencedores.

A categoria Município Agrinho é a única que tem seus ganhadores divulgados antecipadamente, para que ocorra o sorteio entre as escolas. As demais categorias terão seus vencedores revelados no evento de premiação do Programa Agrinho no dia 24 de outubro, no Expotrade, em Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba.

cedores revelados no evento de premiação do Programa Agrinho no dia 24 de outubro, no Expotrade, em Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba.

A banca continua

O trabalho da banca do Agrinho continua com a categoria Escola Agrinho. Neste grupo, o professor relata o suporte oferecido pela escola para viabilizar os projetos de acordo com as metodologias do Agrinho.

Nos próximos dias, os 453 projetos da categoria Experiência Pedagógica serão analisados. Durante mais de uma semana, os 15 profissionais irão se debruçar para definir os dois melhores trabalhos de cada regional. A divulgação dos finalistas nesta categoria acontece no dia 22 de setembro, no site do Agrinho (www.agrinho.com.br). Posteriormente, nos dias 4 e 5 de outubro, os autores fazem a defesa para a banca avaliadora, na capital paranaense.

Colheita nos EUA e USDA fazem mercado oscilar

Por Tânia Moreira Alberti – Economista DTE/FAEP



Em agosto, que foi um mês decisivo para as lavouras de soja nos Estados Unidos, o contrato futuro de setembro/16 perdeu quase 5,8% no acumulado do mês na Bolsa de Chicago (CBOT), saindo dos US\$10,20 por bushel no final de julho, para o atual patamar de US\$9,46 por bushel. No caso do milho, o contrato de mesma referência perdeu 6% cotado atualmente em US\$ 3,27 por bushels.

O comportamento climático favorável nos Estados Unidos, renden-

do percentuais de classificação das lavouras bons a excelentes, acima da safra passada e da média histórica, e estimativas de safras recordes são boa parte da explicação para a queda do preço no acumulado de agosto, encontrando suporte, para limitar quedas maiores, na boa demanda pelo produto americano.

No dia 12 de setembro, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou seu relatório de oferta e demanda, com estimativas para a safra 2016/17, com colheita em andamento nos Estados Unidos e os números para a temporada antiga.

Para a produção mundial de soja, o USDA projetou a safra 2016/17 em 330,43 milhões de toneladas, 5,6% superior à safra passada, e recorde na série histórica de produção. A demanda é projetada em 328,67 milhões de toneladas, a maior da série, com uma relação estoque/consumo menor que na safra 2015/16 e 2014/15.

Desta estimativa, 35% correspondem a produção americana estimada em 114,33 milhões de toneladas. No relatório do mês anterior a estimativa era de 110,5 milhões de toneladas, já considerada recorde. Com as boas condições das lavouras a produtividade aumentou para 50,6 bushels por acre e ultrapassou as expectativas médias de mercado, levando às sessões de mau humor na CBOT. A estimativa para a safra brasileira é de 101,0 milhões de toneladas.

SOJA - SAFRA 2016/17

	Produção		Demanda		Exportações		Estoque final	
	ago/16	set/16	ago/16	set/16	ago/16	set/16	ago/16	set/16
Mundo	330,41	330,43	329,82	328,67	138,97	138,23	71,24	72,17
Estados Unidos	110,50	114,33	56,22	56,50	53,07	54,02	8,97	9,95
Brasil	103,00	101,00	43,60	43,60	59,70	58,40	16,10	16,60
Argentina	57,00	57,00	48,75	48,75	10,65	10,65	27,82	27,57
China	12,20	12,50	101,20	101,20	0,15	0,15	13,83	12,66

Fonte: USDA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP (setembro 2016)

No quadro de oferta e demanda de milho, o USDA indicou a safra mundial em 1,02 bilhão de toneladas, com demanda de 1 bilhão de toneladas, os maiores da série histórica, com relação estoque/consumo igual a das duas últimas safras.

No maior produtor de milho, os Estados Unidos, a estimativa de produção foi reduzida para 383,38 milhões de toneladas, embora este corte não tenha agradado tanto o mercado, que tinha expectativa de ver uma redução maior. A produtividade foi reduzida para 174,4 bushels

por acre, em relação aos 175,1 bushels por acre relatados em agosto. O corte nos estoques finais americanos da nova temporada também ficou abaixo das expectativas, indicado em 60,55 milhões de toneladas.

No quadro do trigo a produção mundial é apontada em 744,05 milhões de toneladas para a demanda de 736,68 milhões de toneladas, com elevada relação estoque/consumo, pesando sob as cotações. Os preços do trigo na Bolsa de Chicago são atualmente 37% inferiores ao preço médio dos últimos cinco anos, considerando o mês de agosto.

TRIGO - SAFRA 2016/17

	Produção		Demanda		Exportações		Estoque final					
	ago/16	set/16	ago/16	set/16	ago/16	set/16	ago/16	set/16				
Mundo	743,44	744,85	↕	732,50	736,68	↕	170,70	172,80	↕	252,82	249,07	↘
Estados Unidos	63,16	63,16	↔	37,20	37,20	↔	25,86	25,86	↔	29,93	29,93	↔
Brasil	5,30	6,00	↕	10,10	10,10	↔	1,00	1,50	↕	1,31	1,51	↕
Argentina	14,40	14,40	↔	6,30	6,30	↔	8,00	8,00	↔	0,96	0,96	↔
União Européia	147,50	145,27	↘	129,30	129,30	↔	27,00	26,00	↘	12,93	12,04	↘

Fonte: USDA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP (setembro 2016)

Estimativas de Safra no Paraná e preços do Mercado Interno

No Paraná, a área de soja na próxima temporada é estimada em 5,23 milhões de hectares, reduzindo 1% em relação à safra anterior, com produção estimada em 18,3 milhões de toneladas, 11% acima da safra passada, que teve potencial produtivo prejudicado, segundo dados da Secretaria de Estado da Agricultura (Seab).

A área de milho verão tem aumento estimado em 17%, com a produção crescendo 28% para 4,23 milhões de toneladas, uma recuperação em relação à queda de área ocorrida na safra passada.

Os preços médios nominais recebidos pelo produtor para a soja, considerando o mercado disponível, no mês de agosto, foi de R\$ 68,17 por saca, abaixo do preço de julho (R\$ 74,67 por saca), com os maiores preços em Chicago, mas acima da cotação em agosto de 2015.

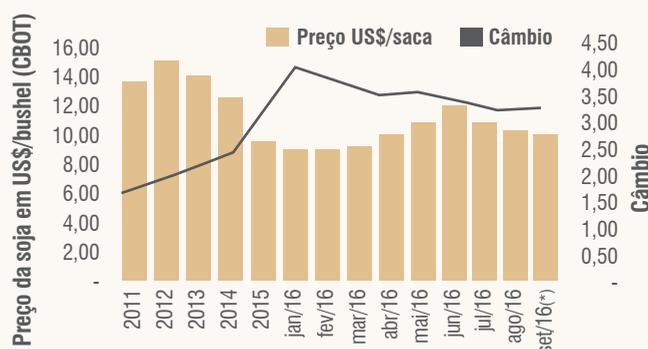
Para o milho o preço médio do mês de agosto foi de R\$ 35,02 por saca, acima do mês anterior (R\$ 34,69 por saca), e acima do preço médio nominal de agosto de 2015.

O percentual comercializado de soja no Estado, da temporada 2015/16 é de 83%, em linha com a safra passada e com a média das últimas cinco safras, de acordo com dados da Seab. O percentual comercializado para a nova temporada é estimado em 12%, abaixo da safra passada (20%), mas acima da média dos últimos cinco anos (8%), considerando dados da Safras e Mercado. O percentual comercializado no Brasil é de 18%.

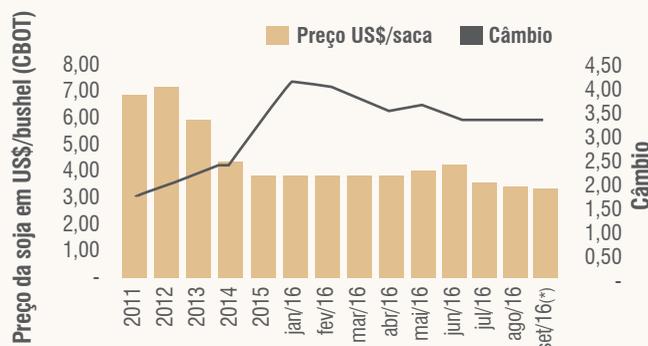
Taxa de Câmbio

No mês de agosto a taxa de câmbio se manteve estável, ganhando 0,11%, cotada na média de R\$ 3,20. A cotação média até metade de setembro veio para R\$ 3,25, com alta de 1,8%. O movimento na taxa de câmbio é influenciado pela dinâmica interna de preocupação com o ajuste fiscal, mas também pela dinâmica externa, com fortalecimento das expectativas para alta da taxa de juros nos Estados Unidos, puxando a valorização do dólar americano.

Preço médio da soja em US\$/bushel (CBOT) e câmbio



Preço médio do milho em US\$/bushel (CBOT) e câmbio



Custo de Produção

De acordo com levantamento do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA/USP) o fechamento dos dados de custo de produção indicam rentabilidade negativa na maioria das praças da região Sul, para o milho safrinha. A explicação está na perda de produtividade das lavouras. Em Londrina, por exemplo, os dados indicam que para cada R\$ 1 investido do custo operacional o retorno foi de R\$ 0,75.

A força do agro nas urnas

Agricultor é a profissão mais comum entre os candidatos a prefeito e vereador nas próximas eleições, tanto no Paraná como no Brasil. Para o setor, produtor em cargo público ajuda a viabilizar as demandas do agronegócio

Por Carlos Guimarães Filho



Oradi Caldato já assumiu por duas vezes a cadeira de vereador e por outra a posição de vice-prefeito de Pato Branco

No dia 2 de outubro, quando as milhares de urnas forem abertas em todo o país, o agronegócio deve atingir um patamar de representatividade importante nas câmaras de vereadores e nas prefeituras dos municípios do Paraná e do Brasil. Isso porque, de acordo com dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a profissão mais comum entre os mais de 495 mil candidatos é agricultor.

No cenário nacional, 35.734 candidatos (7,2%) que concorrem a uma das vagas nos mais de 5.568 municípios brasileiros declararam ser agricultor. Na sequência, aparecem as profissões de comerciante com 31.987 candidaturas (6,4%), servidor público com 31.979 (6,4%) e empresário, 25.740 (5,2%). Ainda de acordo com o órgão eleitoral, a somatória

dos demais profissionais atinge 90.433 candidatos (18,2%).

No Paraná, em função do seu perfil agropecuário e pela importância do setor na economia regional, percentualmente, o número de candidatos com ocupação no campo é ainda maior. O agricultor representa 2.810 (9%) postulantes a um dos cargos públicos, entre os 31 mil candidatos. Empresário com 2.364 candidaturas (7,6%), servidor público com 2.209 (7,1%) e comerciante, 1.897 (6,1%) aparecem nas posições seguintes na lista de profissões registradas na Justiça Eleitoral. A soma das outras ocupações é de 4.953 candidatos (15,9%).

“A participação dos agricultores no processo eleitoral, de forma direta ou indireta, é muito importante para o agronegócio. Quanto mais representantes tivermos, maior a força do

campo e a possibilidade de viabilizarmos as demandas para o setor continuar crescendo”, destaca o presidente do Sistema FAEP, Ágide Menguette. “Mas tudo começa pelo voto. A base da construção de uma boa sociedade é a escolha dos futuros políticos, que irão representar a população. Para isso, precisamos votar bem”, complementa.

A FAEP sempre estimulou a participação do homem do campo na vida pública, seja pela representatividade sindical ou pelo mandato, independente da esfera (municipal, estadual e/ou federal). Para a entidade, o processo de construção de representantes do setor começa com o desenvolvimento de lideranças dentro dos sindicatos rurais. Posteriormente, muitos destes agricultores, após atingirem um grau de preparação, se candidatam aos cargos públicos para lutarem pelas demandas do setor.

Ingresso na vida pública

Esse sentimento de “fazer algo a mais” pela população rural incentivou Oradi Francisco Caldato, atual presidente do Sindicato Rural de Pato Branco, a ingressar na política. Na década de 1980, o filho de gaúchos que ajudaram a desbravar a região Sudoeste do Paraná assistia, preocupado, o êxodo rural. “Naquela época, percebia muitos agricultores vendendo a propriedade para morar na cidade com o intuito de dar estudo aos filhos. Isso ocorria porque faltava transporte escolar. Eu entendia que os filhos desses produtores poderiam estu-

dar no meio rural, mas algo tinha que ser feito para mudar a situação”, conta.

Após reuniões com a comunidade agrícola, Oradi decidiu se candidatar a vereador para modificar o cenário. Com o apoio do campo, o produtor de grãos foi eleito para o mandato 1989/1992 na Câmara Municipal. “Naquela gestão, mesmo o prefeito sendo da oposição, conseguimos viabilizar o transporte escolar. Além disso, fizemos melhoras nas estradas, que não tinham condições de segurança para o transporte”, relembra.

Graças ao trabalho desenvolvido ao longo da legislatura, principalmente com foco nas demandas da área rural, Oradi foi reeleito para mais quatro anos (1993-1996) na cadeira de vereador em Pato Branco. “Naquela época, os vereadores eram da cidade. Os agricultores não queriam se envolver. Mas a partir do trabalho que desenvolvemos, o pessoal notou que é mais fácil de viabilizar as demandas do setor quando se ocupa cargo público”, diz.

Anos depois, com uma base agrícola formada entre os políticos da região, Oradi foi eleito vice-prefeito de Pato Branco (2001-2004). “Nosso setor é o carro-chefe da nação, sustentando há 15 anos a balança comercial. É muito importante o engajamento, tanto que a própria FAEP incentiva que os agricultores participem das eleições”, enfatiza.

A busca por melhores condições de vida no meio rural também lançou o produtor Flávio de Albuquerque Carvalho, de Castro, nos Campos Gerais, à vida política. “O município



Após mandato como vereador, Flávio Albuquerque projeta candidatura a prefeito de Castro em 2020



Em 2014, FAEP entregou propostas para o então candidato ao governo Beto Richa

depende 90% da agropecuária. Dos 80 mil habitantes, 30 mil estão no meio rural. E essa parcela depende muito de infraestrutura no campo, que é precária. A melhoria só é possível se um político ajudar”, destaca.

Durante os quatro anos no cargo de vereador (2009/2012), Carvalho lutou pela melhoria das estradas rurais, fundamentais para a retirada da produção, e pela instalação de postos de saúde no meio rural. “Um funcionário não pode sair da propriedade e ir até a cidade para realizar uma consulta médica. O atendimento tem que ser num posto de saúde próximo, inclusive com o fornecimento de remédios. Isso foi uma das reivindicações”, aponta o produtor, que assumiu o cargo, na época, com 26 anos, sendo o vereador mais votado da história de Castro. “Foram 1.960 votos, grande parte de produtores e trabalhadores das fazendas”, recorda.

Na eleição atual, Carvalho não é candidato. A “pausa” na vida pública ocorreu em virtude da necessidade de atender as demandas dos negócios próprios que envolvem plantio de grãos e florestas e produção de leite. Porém, os planos para a próxima eleição já estão traçados e são mais ambiciosos. “Por conta dos negócios, não deu para sair candidato. Mas estou estruturando as coisas para retornar a política. E, para frente, pretendo sair candidato a prefeito de Castro.”

De olho nos candidatos

Além das candidaturas de agricultores, o agronegócio paranaense participa de outras formas das eleições no Estado. Em diversas regiões do Paraná, os sindicatos rurais estão desenvolvendo ações colaborativas para a construção dos projetos de governos dos próximos prefeitos e vereadores.

Essa prática de apresentar as principais demandas do agronegócio e, mais, sugerir projetos e programas para as soluções de gargalos do setor são corriqueiras na FAEP quando se trata da eleição para governador. Na eleição passada, as principais propostas do agronegócio foram entregues aos então candidatos Beto Richa (PSDB), Roberto Requião (PMDB) e Gleisi Hoffmann (PT). O documento intitulado Plano Diretor do Agronegócio, produzido por técnicos e consultores da FAEP, continha uma análise da economia paranaense e propunha alternativas para a futura administração alavancar os desenvolvimentos econômico e social do Estado.

Algumas dessas propostas foram colocadas em prática pelo governo do Estado, como a própria criação da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar). Outra proposta que recentemente foi “abraçada” pelo governo estadual foi o Programa Integrado de Conservação de Solo e Água do Paraná, que busca retomar a eficiência dos processos de conservação do solo e da água.

“Esse programa fez parte do documento que entregamos aos principais candidatos a governador. Agora, diante de uma situação preocupante, onde 30% do território agricultável do Estado registram algum processo de erosão, ele está sendo colocado em prática para preservar o principal patrimônio do agricultor”, destaca Ágide Meneguette. “Vamos continuar cobrando os governantes, independente de quem for, em prol do atendimento das demandas para minimizar e/ou eliminar os gargalos históricos que travam o agronegócio”, complementa.

A partir da ação da FAEP, trabalhos semelhantes foram desenvolvidos por diversos sindicatos rurais no Paraná focando na eleição para prefeito. Muitos, após receberem as reclamações e demandas do setor produtivo, prepararam documentos com as principais necessidades do setor e encaminharam aos candidatos. De uma forma geral entre as entidades sindicais do Estado que prepararam algum documento, a urgência de melhorias nas estradas rurais apareceu como uma das principais reivindicações.

Por meio de conversas com os produtores, o Sindicato Rural de Irati fez um levantamento dos principais problemas

da área rural do município. Posteriormente, elaborou propostas colaborativas para cada tópico e numa reunião, na semana passada, entregou as propostas aos seis candidatos que concorrem à cadeira de prefeito – um tenta a reeleição. “Após a reunião levamos todos os candidatos, o prefeito e o vice para realizarem de ônibus o trajeto que os alunos fazem diariamente para irem à escola. Eles sentiram na pele o que enfrentamos todos os dias”, explicou o presidente do sindicato, Mesaque Veres. Na ocasião, o ônibus que percorria a estrada de Linha E do Itapará, na região, encalhou, problema recorrente enfrentado diariamente pelos moradores e motoristas que utilizam a estreita estrada cascalhada. Diante da situação, foi necessário que os próprios candidatos e outras pessoas que faziam parte da delegação descessem para empurrar o veículo.



Em Irati, candidatos enfrentam situações rotineiras da população

O Sindicato Rural de Teixeira Soares, em parceria com os conselhos agropecuários, desenvolveu um documento semelhante e entregou aos candidatos, com o compromisso de que o próximo prefeito trabalhe para melhorias no campo.

Em Cornélio Procópio, o Sindicato Rural reuniu as principais demandas do setor em um documento que, posteriormente, será entregue aos três candidatos a prefeito da cidade. “Nos inspiramos em outros sindicatos e fizemos um documento com sugestões colaborativas. Queremos, mais do que qualquer coisa, o apoio do futuro prefeito às questões do campo. E acreditamos que o setor apresentando suas demandas é uma forma de abreviar esse processo”, diz Cristiano Leite Ribeiro, diretor do Sindicato Rural de Cornélio Procópio.

Raio-X

Veja as principais profissões dos candidatos a vereador, prefeito e vice-prefeito no Brasil e no Paraná. Agricultor lidera as duas listas.

Brasil

Candidatos

Vereador – **463.280**

Prefeito e vice-prefeito – **33.467**

Profissão

-  Agricultor – 35.734 (7,2%)
-  Comerciante – 31.987 (6,4%)
-  Servidor Público – 31.979 (6,4%)
-  Empresário – 25.740 (5,2%)
- ... Outros – 90.433 (18,2%)

Paraná

Candidatos

Vereador – **29.099**

Prefeito e vice-prefeito – **2.208**

Profissão

-  Agricultor – 2.810 (9%)
-  Empresário – 2.364 (7,6%)
-  Servidor Público – 2.209 (7,1%)
-  Comerciante – 1.897 (6,1%)
- ... Outros – 4.953 (15,9%)

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral

O senhor previdência

Na última semana faleceu João Cândido de Oliveira Neto, que por mais de quatro décadas lutou pelo direito de aposentadoria dos produtores rurais do Paraná



A garantia de um futuro seguro, com os benefícios disponibilizados pela previdência, incluindo a aposentadoria, de milhares de produtores rurais paranaenses está calçada no trabalho de João Cândido de Oliveira Neto, falecido no dia 12 de setembro, em Curitiba. Especialista no assunto, João Cândido desenvolveu, com maestria, a tarefa de consultor para assuntos previdenciários da FAEP por mais de quatro décadas, após a aposentadoria do cargo de superintendente do Instituto Nacional da Previdência Social (INSS) no Paraná.

“O João teve um papel fundamental na disseminação dos direitos e deveres dos produtores e trabalhadores rurais do Paraná. De forma incansável, ele percorreu o Estado, inúmeras vezes, para explicar cada detalhe aos agricultores, com o intuito de conseguirem a garantia dos seus direitos. O setor deve muito ao trabalho do João”, destaca o presidente da FAEP, **Ágide Meneguette**. João Cândido é o autor do manual “Previdência Social Rural em Perguntas e Respostas”, um guia sobre o tema.

E, era desta forma mesmo que João Cândido trabalhava. Bas-

tava um simples telefonema de algum sindicato rural para o especialista cair na estrada e, em algum município paranaense, independente da distância e da quantidade do público interessado, para proferir uma palestra sobre as questões previdenciárias rurais.

“O João sempre prestou um atendimento de alto nível ao produtor, independente se fosse patrão ou empregado. Com suas palestras no Paraná inteiro, ele chegava à frente das leis e das mudanças que ocorreriam”, lembra **João Luiz Rodrigues Biscaia**, diretor financeiro do Sistema FAEP/SENAR-PR. “O falecimento do Doutor João Cândido é uma perda muito grande. Ele nos ajudou muito com seus esclarecimentos sobre previdência rural, principalmente ao empregador”, diz **Ana Thereza da Costa Ribeiro**, presidente do Sindicato Rural de Porecatu.

O fato da rotina de viagens ter começado ainda na década de 1980, quando iniciou o trabalho de consultoria na área previdenciária para a FAEP, não permite contabilizar quantas palestras foram proferidas ao longo das últimas décadas. Mas com certeza, passa a casa dos quatro dígitos.

“[A previdência rural] era a grande preocupação dele. Ele batalhou muito para esclarecer o produtor rural e garantir que esse conseguisse seus direitos. Ele gostava de ter contato com o produtor, explicar e orientar como fazer”, recorda **Eleutério Czornei**, assessor jurídico da FAEP, que nos últimos anos acompanhou João em diversas viagens. “Muito produtor hoje usufrui da aposentadoria graças ao trabalho do ‘Seo João’”, reforça.

Em algumas ocasiões, lembra Czornei, a fama do consultor da FAEP, reflexo das andanças pelo Estado e dos milhares de processos previdenciários em prol dos produtores, o tirava, digamos, de enrascadas. Em uma viagem pela região de Guarapuava, João dirigia com uma mão, enquanto a outra segurava uma maçã. Em certo ponto da BR-277, uma ultrapassagem em faixa continua resulta na intervenção policial, que pediu os documentos pessoais do motorista e do automóvel para preencher a multa.

Ao verificar o nome, o policial perguntou “o senhor é doutor João Cândido do Funrural?”. Após a confirmação de “sim” com a cabeça por parte do motorista, o policial disse que não poderia aplicar a multa. O motivo: a mãe do policial, dona Firmina, que trabalhou a vida inteira no campo, não conseguia a aposentadoria. Já tinha recorrido a ajuda de muitas pessoas, sem sucesso. Até que, um dia, sentou em frente a João Cândido, no seu escritório em Curitiba, e entregou a papelada. Em 30 dias a situação estava resolvida e João Cândido passou a fazer parte dos agradecimentos diários da dona Firmina. O

consultor da FAEP foi liberado da multa, restando apenas um puxão de orelha do policial para dirigir com mais cuidado.

No âmbito pessoal, João era uma pessoa divertida, animada e cheia de ‘causos’ para contar. Uma simples viagem se tornava o cenário perfeito para o relato de diversas histórias. Numa delas, relembra Czornei, João contou sobre a viagem de carro até a cidade de Tomazina, no Norte do Paraná, terra natal da esposa Nilcéia, para o casamento de familiares.

Tudo transcorria bem, até ser parado por policiais. No momento da abordagem, João avisou que o velho corcel estava com problema na bobina e que se desligasse, não pegaria mais. Apesar do argumento, a ordem era desligar. Após alguns minutos para averiguação policial e posterior liberação, não deu outra, o carro não pegou. Restou pedir auxílio aos próprios policiais para que empurrassem o veículo por 300 metros, até o início de um morro, quando no tranco, o motor voltou a funcionar.

“Ele era um grande contador de história. Nunca podíamos marcar duas palestras no mesmo evento porque ele acabava ocupando o espaço da outra”, diz a chefe de Gabinete, **Angelina Viel**. “O João era muito querido pelos sindicatos. Prestou um enorme serviço ao homem do campo e faz parte da história da FAEP”, complementa.

João Cândido de Oliveira Neto faleceu aos 78 anos. Ele teve quatro filhos e quatro netos.



Versões do manual "Previdência Social Rural" desenvolvidos por João Cândido ao longo das quatro décadas

Conversar é preciso

Curso de Gestão de Pessoas prepara produtores que têm papel de liderança para trabalhar com equipe de funcionários. Resultados já se refletem nas propriedades

Por André Amorim



Dentre as principais dificuldades identificadas entre os participantes está o relacionamento interpessoal

Mesmo para gestores experientes, liderar uma equipe não é tarefa simples. Quando tratamos de gestores de propriedades rurais e granjas, cuja formação foi lapidada apenas no dia-a-dia da atividade, sem nenhum treinamento especial nessa área, essa missão torna-se ainda mais difícil.

A falta de habilidades gerenciais tem como consequência o alto nível de rotatividade de funcionários, o que exige do empregador o constante treinamento de novos contratados sem experiência, aumentando os custos e colocando em risco a qualidade da produção.

Para enfrentar esses problemas nas granjas de seus integrados, em 2013 a empresa BRF procurou o SENAR-PR, solicitando um treinamento que tratasse de aspectos

ligados à gestão de pessoas na propriedade rural. Os técnicos da entidade iniciaram então uma pesquisa para descobrir onde estavam os maiores gargalos nesse processo. “Constatou-se que o que mais faltava era a parte humana, que compreende a relação com os funcionários”, aponta a pedagoga do SENAR-PR, Regiane Hornung.

Para suprir esta lacuna, foi criado o curso Gestão de Pessoas - Métodos Operacionais, que tem como público-alvo produtores que desempenham papel de liderança, como encarregados e líderes de equipes. Além de tratar de aspectos como relações interpessoais, recrutamento, seleção, demissão, comunicação e outros temas relacionados ao trabalho em equipe, o curso também aborda aspectos básicos

de gestão como legislação e finanças.

O conteúdo teórico do curso ficou por conta da FAE Centro Universitário, de Curitiba, que elaborou o material didático e 14 vídeo-aulas para serem assistidas em casa e debatidas em sala de aula. As primeiras cinco turmas foram realizadas em 2015. Duas delas junto à unidade da BRF em Toledo (região Oeste), duas junto a uma unidade da empresa em Carambeí (Campos Gerais) e uma em Campo Mourão (região Central), voltada ao atendimento do público da cooperativa Coamo. Todas com resultados que superaram as expectativas. “Já tem mudanças ocorrendo nas propriedades. O curso mostra como se deve fazer para comandar, como trabalhar a comunicação com os funcionários. Muitas vezes

as ordens não são bem claras”, avalia o presidente do Sindicato Rural de Toledo, Nelson Paludo. Segundo ele, a sexta turma já está em andamento. Já temos quase 80 pessoas treinadas”, comemora o dirigente.

A mesma percepção do presidente do Sindicato de Toledo tem o especialista em extensão rural da BRF, Angelo Bambriila Reck. “Para nós, o curso mostrou-se tão útil que os produtores de Toledo pediram para o instrutor dar aulas extras, tamanha empolgação e interesse”, afirma. Primeiramente a empresa optou pelas propriedades onde há maior escala e conseqüentemente maior número de funcionários. A iniciativa abrange unidades de produção de matrizes de aves, integração de frangos, unidades de Sistema de Produção de Leitões (SPL) e de terminação de leitões.

Em Chopinzinho, na região Sudoeste, o Sindicato Rural promoveu recentemente sua primeira turma. A proposta chamou a atenção do presidente da entidade, Tadeu Accorsi. “Eu também estou fazendo o curso, fui à abertura e vi que era uma coisa interessante. Já temos gente esperando para participar das próximas turmas”, conta o dirigente.

Mudança interna

Um dos participantes das primeiras turmas foi Edison Mertins, integrado da BRF que possui uma granja de suínos com 1.600 matrizes, em Toledo. Com dez funcionários sob seu comando, ele conta que o curso veio “na hora certa”. Há um ano na atividade, ele conta que no começo tinha que pegar funcionários “no laço”, pois a rotatividade era muito grande. Depois do curso esse cenário mudou. “Agora valorizo as contratações de pessoas mais maduras e mais responsáveis, na faixa dos cinquenta anos”, comenta.

Outra mudança implementada por Mertins foi a realização de reuniões periódicas com a finalidade de posicionar sua equipe quanto o andamento dos negócios. “Agora mostro a eles os números para que eles saibam o que está acontecendo na granja”, explica. A relação interpessoal com os funcionários também mudou depois da capacitação. “Antes era tudo tratado meio no grito, agora trato como pessoas”, diz.

Álvaro Machado Neto, técnico de produção no incubatório da BRF em Castro também mudou o tratamento com a equi-

pe de 30 funcionários após o curso. “O diálogo antes era na ‘valentona’, um pouco bruto. Agora tá mais tranquilo, eles conversam comigo e ganhei mais credibilidade e confiança” revela. “Nosso foco é aves, mas quem cuida das aves são pessoas”, complementa.

Se comunicar de forma correta com os colaboradores foi uma das maiores dificuldades identificadas pelos participantes, o que gera desentendimentos desnecessários, atritos e até demissões, segundo a instrutora Marli Lenocho. “Muitas vezes eles acham que se comunicam bem, mas na realidade as pessoas não estão se entendendo”, afirma.

Um dos casos mais emblemáticos, segundo a instrutora, foi de um produtor bastante jovem, que liderava uma equipe de três pessoas mais velhas. Seu receio era que os funcionários não o respeitassem em função da idade. Com o curso do SENAR-PR, ele passou a realizar reuniões semanais com a equipe, recebendo feedback e trocando informações. As conversas frutificaram e renderam a adoção de mudanças na rotina da granja de aves. Ao invés de começarem o trabalho sempre a



Em Castro participantes aprendem a trabalhar os recursos humanos na propriedade

partir do mesmo aviário, eles passaram a alternar entre os quatro aviários da propriedade. “Essa foi a primeira vez que ele conseguiu padronizar o lote nos quatro aviários”, conta Marli.

Sucessão

O curso não trabalha diretamente a sucessão familiar, mas seu conteúdo programático introduz o assunto no tópico “Choque de gerações”, no módulo Gestão de Pessoas. Marli explica que numa das turmas, quatro filhos de produtores fizeram o curso com melhoras no relacionamento familiar. É o caso, por exemplo, de Cledia Bremm, que participou do curso na região de Toledo. A granja de suínos integrada da BRF em Maripá. Ela e a mãe lideraram uma equipe de seis pessoas.

Aos 35 anos, Cledia cursa Administração de empresas, mas conta que a falta de experiência pesou na hora de liderar uma equipe. Desta forma o curso veio em boa hora, pois trouxe o conhecimento prático sobre gestão de pessoas. “Passamos a buscar o feedback dos funcionários, fazer reuniões, mostrar os resultados da granja”, conta. Apesar de não participar diretamente dos processos de contratação, ela conta que deu conselhos ao pai sobre o perfil do profissional a escolher.

O curso também ajudou nas relações familiares do produtor Douglas Geremias, de Toledo. O curso foi recomendação de um tio que participou da primeira turma. Toda a família está envolvida na atividade rural, desde a operação das granjas até o trabalho na lavoura de milho e soja e o conhecimento adquirido trouxe reflexo na relação com todos. “Ajuda muito na lida quando trabalham todos juntos. No próximo curso já tem gente na fila aqui, toda família quer fazer”, comenta.



Regiane Hornung e Maria José Andreacci apresentam em MG o programa do SENAR-PR

Modelo paranaense é levado para outros Estados

Depois do sucesso das primeiras turmas do curso Gestão de Pessoas do SENAR-PR, a BRF expandiu a iniciativa para outras localidades. “Divulgamos o curso para as unidades do SENAR nos seis Estados onde há plantas da BRF”, afirma o especialista em extensão rural da BRF, Angelo Bambrila Reck. A intenção, segundo ele, é que a capacitação seja replicada nesses Estados, de acordo com as características de cada um. Hoje a capacitação já está em Santa Catarina, onde já foram realizadas quatro turmas; no Mato Grosso, onde ocorreram três turmas e, em breve começará a primeira turma em Minas Gerais.

Segundo a pedagoga do SENAR-PR, Regiane Hornung, cada Estado adaptou o curso a sua realidade, não sendo replicado exatamente no mesmo formato do Paraná. “Não é o conteúdo e sim o formato que eles reproduzem”, diz. Em Minas Gerais, por exemplo, um dos focos do programa deverá ser a sucessão familiar. O relacionamento interpessoal e o conflito de gerações, com a busca de soluções com diálogo e análise de resultados, são pontos que se pretende trabalhar no Estado mineiro.

Com 80 horas de duração, o curso comporta até 16 alunos por turma. E, está dividido em três módulos principais: Gestão de Pessoas; Recrutamento, Seleção e Demissão de Pessoal; e Gestão de Processos e Negócios. As turmas são montadas de acordo com as demandas de empresas ao SENAR-PR ou de um supervisor regional, não estando na grade aberta ao público.

Cuidado com o adubo adulterado

Para não cair no golpe, produtor deve desconfiar de produtos muito baratos. E se ficar com a pulga atrás da orelha, o melhor é procurar um laboratório para análise



MP-RS apreendeu mais de 50 toneladas de adubo adulterado

Recentemente o Ministério Público do Rio Grande do Sul deflagrou uma operação para investigar quadrilhas envolvidas na adulteração e falsificação de fertilizantes. Batizada de Operação NPK, a ação cumpriu mandados de busca e apreensão em 27 cidades, a maioria no Estado gaúcho. No Paraná, foi cumprido um mandado de busca em Colombo, na Região Metropolitana de Curitiba. Também houve desdobramentos da operação em Santa Catarina.

Os criminosos misturavam outros produtos aos fertilizantes, para aumentar o seu volume, e comercializavam com embalagens de marcas conhecidas, de modo a enganar os clientes. A fraude, segundo o MP do Rio Grande do Sul, lesou milhares de produtores rurais.

Os produtos eram tão misturados que em algumas amostras não era possível sequer identificar níveis de nitrogênio, potássio ou cálcio. Através da adição de outros materiais que envolviam até mesmo restos de telhas e lajotas, os criminosos transformavam uma tonelada de adubo em três toneladas.

Segundo Décio Luiz Gomes, gerente-executivo do Sindicato da Indústria de Adubos e Corretivos Agrícolas no Estado do Paraná (Sindiadubos), esse tipo de fraude costuma aumentar em períodos de grande demanda, como a época atual, em que os produtores estão comprando fertilizantes para utilizar na próxima safra verão.

“Misturam várias coisas, desde areia tingida, marble chips (lascas de mármore), que pela aparência é facilmente confundido”. Gomes alerta para que os produtores desconfiem de produtos com preço muito abaixo do mercado.

De acordo com o engenheiro-agrônomo do Departamento Técnico Econômico da FAEP, Fernando Aggio, a utilização de produtos adulterados e/ou falsificados, além do prejuízo econômico, pode contribuir para o empobrecimento do solo. “Se você aplica um produto que não tem o que promete, ele não fornecerá os nutrientes necessários para a planta”, observa. Caso haja desconfiança, o produtor também pode procurar um laboratório para realizar as análises necessárias. No Paraná uma das instituições que realiza estas análises é o Tecpar.

Três dicas para não comprar fertilizante adulterado

1. Checagem no recebimento da carga

Quando o fertilizante chega à propriedade, é importante que o produtor confira a nota fiscal para verificar se as etiquetas, número do lote e número de registro batem com as embalagens dos produtos entregues. Observe também se a embalagem apresenta datas de fabricação e de validade e se os lacres foram violados.

2. Aparência

O produtor deve observar alguns aspectos de aparência do produto. Granulação não-uniforme e coloração mais clara podem indicar que o produto não é original.

3. Análise de laboratório

A dica principal é que o produtor sempre entre em contato primeiro com a empresa em que a compra do fertilizante foi realizada. Caso ela exija uma análise de laboratório, o produtor terá de arcar no primeiro momento. Uma vez confirmado que o produto é indevido, a empresa irá ressarcir o agricultor.

Fonte: Soja Brasil

A sustentabilidade como imagem-Brasil

Na agricultura não há país que tenha feito mais que o Brasil, e o mundo deveria conhecer isso

Por Marcos Sawaya Jank (*)



O Brasil mostrou sua garra e beleza! Em um momento de grande criatividade, a cerimônia de abertura da Olimpíada celebrou temas globais como sustentabilidade e diversidade, alçando a nossa imagem e autoestima a patamares que estavam havia tempos esquecidos.

Mas, com a posse do novo governo, é hora de refletir sobre a identidade e os valores que poderiam marcar a nova fase de desenvolvimento de que tanto precisamos. Nossa imagem internacional varia do negativo de hoje (corrupção, violência, baixo crescimento, desorganização) aos temas usuais de sempre (futebol, carnaval, praias, música etc.). Temos de mudar isso.

Há exemplos contundentes de países que conseguiram diferenciais competitivos importantes em razão da sua imagem-país: qualidade no Japão, inovação nos EUA, gastronomia na França, design na Itália.

Não há dúvida de que campanhas de marketing ou megaeventos tipo Olimpíada contribuem para fixar ou modificar a imagem de um país. Mas, na essência, a construção de qualquer imagem-país

deve nascer de ações reais, tangíveis, num campo específico, que a criam sensações e percepções intangíveis a posteriori. Elas não podem nascer de casos isolados, muito menos de eventos ou propagandas oficiais. Devem, ao contrário, surgir de um grande acúmulo de exemplos concretos, programas e narrativas sobre um tema, que são reconhecidos e difundidos por organizações e pessoas insuspeitas no exterior, de fora para dentro. O tema da sustentabilidade poderia se tornar a grande bandeira brasileira.

Pode até parecer loucura assumir esse tema num país em que os exemplos negativos são abundantes: rios poluídos, saneamento sofrível, poluição, lixo, desperdício. Mas há exemplos espetaculares na direção correta: redução do desmatamento, restauração florestal, programas para mitigar as mudanças do clima, agricultura conservacionista (plantio direto, duas safras por ano sem irrigação), integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), cadeias produtivas integradas, controle sanitário, matriz energética diversificada etc. Nas

últimas décadas, no campo da agricultura não há país no mundo que tenha feito mais que o Brasil, e o mundo deveria conhecer isso.

Agricultura e ambiente já foram áreas que não se entendiam. O clima era péssimo: acusações, desinformações e ausência de diálogo. Mas evoluímos muito, e hoje temos uma história de cooperação e avanços para contar. Implantação do Código Florestal, Cadastro Ambiental Rural, moratórias, certificações, foros, coalizões e programas unindo empresas e ONGs tornaram-se agendas cotidianas.

É obvio que há muito ainda por ser feito, até porque ainda temos o melhor e o pior convivendo lado a lado. Mas o grande desafio talvez seja participarmos de forma mais efetiva do debate global, com bons dados e casos concretos. Temas como segurança alimentar, uso da terra, modelos de produção, clima, água, energia, biodiversidade e empregos estão no dia a dia da agenda internacional. No geral, nos-

sa posição tem sido tímida e defensiva. Deveríamos participar do debate de forma regular e consistente, trazendo a experiência brasileira como solução real para alguns problemas globais, ainda que parcial.

Não basta sermos "gigantes pela própria natureza", com diz o hino. Não é a nossa exuberante natureza que nos torna gigantes, mas sim o rumo que damos a ela e ao nosso território, a contribuição que podemos dar para um planeta que tem dificuldade para equilibrar o econômico, o social e o ambiental. Em algumas áreas, não somos o problema, mas parte da solução. Essa pode ser nossa principal imagem-país no futuro.

() Especialista em questões globais do agronegócio.*

Jornal "Folha de São Paulo", Caderno Mercado, 03/09/2016

NOTA



tas, entre eles nomes de reconhecimento estadual e nacional como os jornalistas Celso Nascimento (fundador) e mais recentemente Hélio Teixeira que há quase oito anos imprimiu o formato atual do impresso. "Sempre zelamos pela nossa independência e autonomia", disse o diretor financeiro do Sistema FAEP/SENAR-PR, João Luiz Biscaia, ao receber o troféu das mãos do vice-presidente do SindVet-PR, Demétrio Reva.

A revista tem 32 páginas semanais que são entregues a mais de 26 mil assinantes entre produtores rurais, lideranças, sindicais, federações, políticos, técnicos, agrônomos, veterinários, juízes e profissionais que acompanham o agronegócio paranaense.

Sua produção envolve uma equipe de jornalistas, técnicos de diversos departamentos como o Técnico Econômico (DTE), Assessoria Jurídica, Sindical e da Gerência Técnica do SENAR-PR,

além dos sindicatos rurais e dos próprios leitores, que mandam sugestões. "O fundamental é o compromisso editorial de independência e autonomia na defesa dos interesses dos produtores rurais, acima de qualquer interferência política. É isso que tem sustentado sua credibilidade nesses 31 anos de existência", frisou Biscaia.

Também foram homenageados a Emater pelo programa de rádio "O Homem e a Terra" que comemorou 40 anos de transmissão e o programa Negócios da Terra, da Rede Massa que tem o professor Eugênio Stefanelo como apresentador junto com a jornalista Elisa Rossato.

A Revista do Sistema

Informação do agronegócio paranaense

O Sindicato dos Médicos Veterinários no Estado do Paraná (SindiVet-PR) homenageou o Boletim Informativo do Sistema FAEP/SENAR-PR no dia 5 de setembro, durante evento que também comemorou o Dia do Médico Veterinário (9 de setembro).

No dia 24 de setembro a revista do Sistema FAEP completou 31 anos de existência. Pela sua redação passaram inúmeros jornalistas,

A Era Viking

A fúria dos nórdicos exploradores

Eles são os bárbaros guerreiros e conquistadores das sagas de dezenas de filmes e seriados na televisão. Lendários, as histórias sobre os vikings foram romaneadas e ganharam força a partir do século XIX.

Há pouco material escrito de sua história, tudo o que se sabe está baseado em lendas, o que contribuiu para a perpetuação dos mitos que os envolvem como as imagens de homens esfarrapados e maltrapilhos que usavam elmos (capacetes de chifres) e canecas de caveiras. Segundo alguns historiadores não há registro de que os elmos e nem as canecas existiram. Trata-se apenas de detalhes acrescentados à história para retratá-los como violentos e pagãos pelos seus principais adversários, os cristãos. Tanto que, mais uma das lendas é de que os monges saxões quando enfrentavam as invasões em seus tranquilos mosteiros rezam: “Da fúria dos nórdicos, livrai-nos Senhor!”

Eram excelentes ferreiros o que lhes garantiu uma série de acessórios de higiene pessoal. Viveram na Escandinávia, região atual da Suécia, Dinamarca e a Noruega, que até o final do século VIII era ignorada pela Europa.

O período compreendido entre as primeiras invasões registradas na década de 790 até a conquista normanda da Inglaterra, em 1066, é conhecido como a era viking da história escandinava.



Na maioria das páginas de história, viking aparece como derivado de vikin-gr, que significaria “pirata” em antigas línguas escandinavas – embora alguns especialistas acreditem que a expres-

são possa derivar de vik, ou “baía”. Segundo, o site combustão.org, viking, em norueguês arcaico, se referia a uma pessoa que participava em uma expedição ao mar.

Também conhecidos como nórdicos ou normandos, acreditavam em seres mitológicos como elfos ou silfos tão conhecidos hoje através de filmes como O Senhor dos Anéis.

Embora não constituíssem uma nação, apenas vários grupos de guerreiros, exploradores e comerciantes, eles construíram uma rica cultura que se desenvolveu devido à atividade agrícola, o artesanato e um notável comércio marítimo. Eram exímios navegadores que se aventuravam para o alto mar e quando chegavam nas aldeias saqueavam cereais, cavalos e gado.

Eles navegavam em compridos barcos chamados drakkars. Foram os pri-





meiros a construí-los com velas, o que lhes rendeu enorme vantagem sobre as embarcações de outras nações, movidas a remos.

Não há detalhes sobre suas expedições, mas certas rotas abertas por eles costumam ser atribuídas a grupos específicos. Os noruegueses seriam os responsáveis pela, pela descoberta da Islândia, Groenlândia e do Canadá— ou seja, teriam chegado à América quase cinco séculos antes de Colombo. A última grande rota da era dos vikings dinamarqueses, que controlaram parte da Inglaterra, cruzaram o estreito de Gibraltar e chegaram até a Itália.

Embora pareçam cruéis, as invasões eram motivadas pelo crescimento populacional e pela escassez de terras cultiváveis na região. A imagem de assassinos foi alimentada pelas suas vítimas e perpetuadas em crônicas medievais, mas eles não eram mais violentos do que seus contemporâneos.

Apesar de um exército profissional e bem equipado com espadas, escudos, machados e arcos, eles não eram apenas guerreiros. Os líderes militares eram os proprietários das terras que chefiavam seus clãs, unidos por laços familiares. Cada clã possuía também seus escravos, capturados durante ata-

ques bem-sucedidos a países distantes. Em suas terras eles viviam como simples agricultores e pescadores de forma pacífica. “Eles não foram mais sanguinários que qualquer outro povo da época, mas eram pagãos e assim não se detinham na porta das igrejas ou monastérios, como faziam os outros europeus”, diz o arqueólogo e especialista no assunto Robert McGhee, do Museu Canadense da Civilização, na cidade de Gatineau.

Formaram uma sociedade complexa e avançada para a sua época. Eles desenvolveram um sistema de democracia e leis justas. Respeitavam preceitos como: não mentir, não ser desonesto, evitar a luxúria, saber dividir (não ser ganancioso), evitar o ócio e a preguiça e não ficar bêbado.

Tiveram grande influência histórica e cultural nos territórios dominados.

As mulheres vikings tinham liberdade e podiam ser proprietárias de terras, administrar o cultivo das fazendas e negociar com mercadores, ao contrário do que ocorria nas outras regiões da Europa.

O rei Olaf II Haraldsson, que subiu ao trono da Noruega no ano de 1015, é considerado o último chefe viking tradicional. Diante de inúmeros conflitos contra os nobres da Normandia e os ingleses, entre os séculos XI e XII, ocorreu o fim da civilização. Somente após o término da era viking os reinos separados adquiriram identidades como nações. Seu legado duradouro foi a formação dos reinos independentes da Inglaterra e Escócia.

Ragnar

Ragnar Lodbrok é o mais famoso dos heróis nórdicos. Acredita-se que Ragnar tenha saqueado a França inúmeras vezes, usando os rios para navegar com sua frota até o coração do império Franco. Apesar de ser considerado quase como um herói em sua Escandinávia nativa, os relatos confiáveis sobre sua vida são apenas esboços, baseados principalmente em antigas sagas dos vikings. Até mesmo a datação de seu reino é incerta.

Mitologia

Os vikings cultuavam a natureza e uma série de deuses aventureiros, anões, gigantes, aventureiros, feiticeiros. Entre eles, Thor (na imagem abaixo) – Deus dos trovões, considerado o mais forte entre os deuses e o mais adorado entre os povos germânicos, por isso teve a maioria dos templos em sua homenagem. Sua principal arma é o martelo Mjolnir que produz raios. Virou um dos super-heróis de histórias em quadrinhos publicadas pela Marvel Comics.



Queda no consumo desacelera avicultura paranaense

A carne de frango, que teve um ótimo desempenho no mercado interno nos últimos anos, vive o seu momento de crise

Por Hemely Cardoso



Os aviários no sítio do produtor Neldo João Kotz, de Ouro Verde do Oeste, na região Oeste do Paraná, estão vazios há 110 dias. Na propriedade de 12 hectares, Kotz engorda 42 mil frangos, mas desde junho está aguardando o pagamento de dois lotes no valor de R\$ 56 mil. Ele é integrado da Globoaves, sediada em Cascavel. “A situação está complicada, a gente procura o pessoal da empresa e ninguém resolve o problema. As contas estão vencendo e não tenho dinheiro para pagar”, relata Kotz.

Segundo ele, desde junho a Globoaves paralisou o abate de frangos, quando suspendeu o contrato de 1,8 mil colaboradores num prazo de 90 dias. Diante disso, o produtor tentou migrar para a

BRF, em Toledo, no entanto, a empresa está com a capacidade de abate esgotada e não está absorvendo lotes de novos produtores. “Há um excesso de produção e os frigoríficos desaceleraram o ritmo de abate na região”, observa.

A mesma situação vive o avicultor Casemiro Teodoro Adamczuk, também de Ouro Verde do Oeste. Há 90 dias, ele está com os barracões fechados a espera do pagamento de R\$ 40 mil da Globoaves, empresa em que é integrado desde 2009. Para fugir da atual crise, o produtor está planejando investir na criação de frango caipira. “Não dá mais para ficar nessa situação, estou pensando em mudar de atividade”, lamenta Adamczuk.

A reportagem do Boletim Informativo entrou em contato com a Globoaves, mas a empresa não quis se manifestar sobre o assunto. Segundo recente reportagem publicada pelo jornal o Estado de S. Paulo, a empresa aguarda a homologação da recuperação judicial para se pronunciar oficialmente sobre os problemas financeiros que levaram ao pedido de concordata.

Na comunidade Sertãozinho, entre os municípios de Braganey e Campo Novo, no Oeste paranaense, o produtor Velmir Francisco Valente nunca viu o aviário passar tanto tempo vazio. No final de agosto, ele entregou um lote à Cooperativa Coopavel e durante 12 dias ficou esperando pelo novo lote de pintainhos. O aumento no intervalo entre a entrega de um lote de frango a chegada de outro, o produtor explica que pode perder R\$ 40 mil por ano. “Quanto mais aumenta esse intervalo, pior fica para o produtor”.

Na região Oeste do Estado, centenas de produtores estão enfrentando dificuldades. Desde junho deste ano, várias empresas integradoras anunciaram a redução na capacidade de abate, férias coletivas ou encerramento total das atividades.

Após o bom desempenho registrado no mercado interno nos últimos anos, os problemas enfrentados atualmente no campo refletem o que está acontecendo na outra ponta da cadeia produtiva, o consumidor. Na Cooperativa Coopavel o ritmo de produção desacelerou. O abate diário de aves caiu de 245 mil para 225 mil cabeças. Segundo o presidente da Coopavel, Dilvo Grolli, a queda no volume de abates é reflexo direto da crise econômica no país. “Diante desse momento de recessão, o consumidor está comprando menos carne de frango. A produ-

ção cresceu nos últimos anos e o volume de produção não está sendo absorvido pelo mercado”, avalia Grolli.

O presidente da Associação dos Avicultores do Oeste do Paraná (Aaviopar), Luiz Ari Bernartt, demonstra preocupação com a situação. “Muitas empresas fecharam ou estão em processo de recuperação judicial e os produtores não estão sendo ressarcidos pelos lotes. A maioria está operando no limite da atividade, com financiamentos para pagar”. Hoje, a Associação concentra 540 sócios e envolve 12 municípios da região.

De acordo com o presidente do Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Estado do Paraná (Sindiavipar), Domingos Martins, o alto custo de produção e a queda no consumo interno tiveram forte impacto sobre a cadeia de frangos. “O setor passa por um momento de turbulência, principalmente por causa dos altos preços da soja e do milho, duas commodities que mexem com a atividade. O setor não estava preparado para isso”, explica.

Segundo Martins, ainda não há uma real dimensão do impacto provocado pela queda de consumo da carne de frango. O Sindicato está realizando um mapeamento das empresas que fecharam e paralisaram as atividades em todo o Estado que deve ser divulgado em outubro. “Ainda não temos uma visão concreta de como vai ser o consumo até o final do ano”, acrescenta.

Na avaliação do presidente do Sindiavipar, os problemas são pontuais e as perspectivas de longo prazo são positivas. “O Brasil é um grande jogador no mercado mundial de carnes e tem grande vocação para a produção de aves. Não é por acaso que somos o segundo maior produtor de carne de frango do mundo e o maior exportador dessa proteína.”





Na propriedade de Altacir, em Paranavaí, os custos com energia elétrica triplicaram desde 2015

O impacto do custo de produção

Diante de todos esses fatores, os avicultores paranaenses também enfrentam o aumento no preço do milho, assim como nas faturas de energia elétrica e a elevação nos custos de produção, segundo o estudo “Panorama de mercado das atividades da agropecuária paranaense”, desenvolvido por técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR.

De acordo com a médica-veterinária Ariana Weiss Sera, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, a elevação nos custos de produção se deve principalmente ao alto custo do milho, grão que responde por mais da metade da composição da ração animal. Nos preços médios mensais recebidos pelos produtores no Estado, o milho teve valorização de 60,54% e a soja de 8,34%, no período de março de 2015 a março deste ano. Além disso, o avicultor paranaense também enfrentou reajustes na tarifa de energia elétrica, no custo da lenha, da mão de obra e da cama aviária. “Na somatória esses itens correspondem a 80% do custo variável”, explica Ariana.

O produtor Altacir Peres Rissato, proprietário da Granja Rissato, em Paranavaí, região Noroeste, sentiu no bolso o impacto do aumento da conta de luz. Ele engorda 55 mil frangos em dois barracões. Os preços com os 12 mil KW de energia por lote de frangos triplicaram desde 2015.

Na região dos Campos Gerais, o avicultor Carlos Bonfim cria 430 mil frangos Griller - a ave é abatida no período de 29 dias e atende o mercado muçulmano dentro das condições do abate Halal.

Pelas contas dele, o uso da lenha teve alto impacto na atividade. “Estou pagando uma média de R\$ 55 pelo metro cúbico do produto, o que representa um custo muito alto”. O custo total de produção de frangos de corte no Paraná, (a somatória dos custos dos avicultores e das agroindústrias) iniciou 2016 com aumento de 7,03% em relação a dezembro de 2015, conforme dados divulgados pela Embrapa Suínos e Aves.



QUADRO MUNDIAL 2015

PRODUÇÃO (Milhões T)



USA

18



BRASIL

14



CHINA

13

EXPORTAÇÃO (Milhões T)



BRASIL

4,3



USA

2,9



UNIÃO EUROPEIA

1,1

Fonte: USDA, 2016.

A força da avicultura paranaense

Principal produtor de frango no Brasil, o Paraná abateu 893,8 milhões de aves nos frigoríficos do Estado no primeiro semestre de 2016, crescimento de 11,6% na comparação com os 800,7 milhões de animais abatidos no mesmo período do ano passado, segundo dados do Sindiavipar.

O Estado conta com mais de 25 mil aviários para frangos de corte, 35 abatedouros e oito incubatórios. Toda a produção avícola está no sistema de integração formado por agroindústrias integradoras e avicultores integrados.

Hoje, Cianorte, no Noroeste paranaense, lidera a produção de frango no Estado, com o VBP de R\$ 354,12 milhões no ano passado. A cadeia envolve 237 produtores rurais em 382 granjas, segundo dados da Secretaria da Agricultura do município. Toledo ocupa a segunda posição no ranking da avicultura paranaense, que representa 27% na economia do município e totalizou o VBP de R\$338,14 milhões em 2015. De acordo com o secretário da Agricultura de Toledo, José Augusto de Souza, a atividade gera em torno de 2,5 mil empregos diretos no município.

Tecnologia

Na última década, para acompanhar esse crescimento, o setor intensificou o uso de tecnologia, das granjas às indústrias. É o caso do produtor Edenilson Copini, de Toledo, que há nove anos trabalha na criação de frangos. Hoje, ele entrega a uma integradora em torno de 70 mil frangos a cada 40 dias. Por enquanto, ele conta que a situ-

ação está equilibrada. O segredo, segundo ele, está na combinação de uma boa gestão com investimento em tecnologia.

Ao longo dos últimos três anos, além de gerenciar todos os custos na atividade, Copini investiu em tecnologia para manter a atual produtividade. Ele adaptou as três granjas para o sistema de dark house, que permite o maior controle da luminosidade e da ambiência. Também implantou placas evaporativas, trocou o sistema de fornos para o aquecimento pellet e aumentou o número de exaustores (de 1,8 metro/segundo de ventilação para 2,5 metros por segundo). “Não adianta colocar só na ponta do lápis quanto está gastando para produzir, o produtor deve sempre estar buscando a combinação entre a gestão do negócio e investimentos em infraestrutura”.

Mercado externo

A balança comercial é um termômetro dessa evolução na avicultura. No período de 2010 a 2015, as exportações paranaenses cresceram 35%, com 1,48 milhão de toneladas de carne de frango, de acordo com dados do levantamento realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR. O país exportou 14,7 milhões de toneladas de carne no ano passado, totalizando 4,2 milhões de toneladas. O volume representa um aumento de 6% na comparação com o ano anterior.

No primeiro semestre de 2016, o Brasil exportou 2,58 milhões de toneladas de carne de frango. “A valorização do dólar frente ao real e os casos de Influenza Aviária nos Estados Unidos, principal concorrente mundial nas exportações, favoreceram a competitividade do produto brasileiro”, explica Ariana.



As perspectivas para 2016/17

Conab divulga estudo para a próxima temporada agropecuária brasileira



A Companhia Nacional do Abastecimento (Conab) divulgou no dia 13 de setembro o estudo “Perspectivas para a Agropecuária, safra 2016/17”, material elaborado pela equipe técnica da instituição, com o objetivo de oferecer ao setor produtivo um panorama geral do que esperar para a próxima temporada agrícola, auxiliando os produtores a tomarem a decisão correta sobre o que plantar na próxima safra e em qual proporção.

De acordo com o estudo, a safra 2016/17 de grãos, fibras e a produção pecuária deverão ocorrer em um ambiente de crescimento da economia mundial, que deverá ser de 3,2 % em 2016 (na comparação com o ano anterior), e de 3,5% em 2017.

Os produtos analisados foram algo-

ção, arroz, carnes, lácteos, milho, soja e sorgo. No caso das carnes (bovina, suína e de frangos), a expectativa é de custos de produção elevados e margens estreitas, principalmente por conta do abastecimento mundial de soja e milho, que continuará bastante restritivo em 2016/17. No caso do frango, atividade na qual o Paraná se destaca como principal produtor nacional, a Conab estima uma queda de 7,3% nos preços médios em 2016. No mercado interno a previsão é que os preços mantenham-se nos mesmos patamares atuais.

Na carne suína, o setor produtivo espera alcançar este ano a marca de 700 mil toneladas exportadas. Porém, em 2017 a produção deve diminuir, sentindo os efeitos da escassez de milho. Em decorrência dos elevados custos da ração, os produto-

res têm antecipado a terminação, abatendo animais de menor peso, com isso a produção de carne tende a ser menor.

Os dados estimados para a carne bovina em 2016 dão conta que as exportações irão representar 23% da produção. Os preços médios em dólar no mercado internacional apresentaram queda pelo segundo ano consecutivo: 8% ano passado e 9,3% estimado para este ano. Porém, em um cenário de oferta mundial limitada, os preços devem se elevar em 2017.

Milho

O principal fator que deverá pressionar os ganhos dos produtores de carnes é o preço do milho. Em 2015/16 o cenário do grão no mercado mundial foi comple-

tamente atípico, com os preços no mercado domésticos sendo definidos mais pela situação da produção interna do que pelas cotações na Bolsa de Chicago. A quebra na safra brasileira e as vendas antecipadas no mercado internacional fizeram com que o cereal ficasse escasso por aqui e seu preço extremamente valorizado.

A fim de auxiliar o produtor a planejar seu plantio para a próxima temporada, a Conab analisou os custos de milho e soja da safra de verão (1ª safra) no Paraná, na praça de Campo Mourão, tomando por base o preço médio de julho de 2016. De acordo com os analistas, em função da produtividade média do milho, que em condições normais é quase o triplo da soja, a rentabilidade do cereal está próxima da rentabilidade da oleaginosa. “No entanto, o produtor paranaense tende a optar pela semeadura da soja, visto que esta possui uma liquidez melhor que o milho e, também, pelo fato de que, nesse Estado, há viabilidade técnica para o plantio do milho 2ª safra”, aponta o levantamento. Mesmo com a demanda interna do cereal aquecida, a área que será ocupada pelo milho na safra 2016/17 ainda é incerta segundo o documento. Na pior das hipóteses deve ser mantida a mesma área da última safra.

“É possível que a partir da confirmação da área plantada, entre os próximos meses de novembro e dezembro, os preços poderão seguir a tendência normal do mercado de milho, se baseando na paridade dada pela cotação do dólar e da Bolsa de Chicago. Neste caso, como a cotação futura de Chicago para dezembro/16 está variando na casa dos US\$ 3,40/bushel e com o dólar próximo de R\$ 3,30, pode-se estimar um valor do milho no Oeste paranaense variando entre R\$ 24,34 a 25,12/60Kg”.

Soja

Na soja, a expectativa de uma boa rentabilidade para próxima safra deve fazer com que a área ocupada pela oleaginosa aumente na temporada 2016/17. A safra brasileira, de acordo com o Departamento de agricultura dos EUA (USDA), deverá ser da ordem de

103 milhões de toneladas. Caso não ocorra nenhum problema climático, o Brasil deverá continuar entre os maiores produtores mundiais e como maior exportador de soja do mundo, com embarques estimados em mais de 59 milhões de toneladas, e um consumo interno em torno de 44 milhões de toneladas.

A rentabilidade da oleaginosa vem diminuindo em função do impacto do dólar nos custos de produção. Segundo a Conab, em maio de 2016, o custo variável de produção foi estimado em média a R\$ 38,29/60 kg, e os preços pagos ao agricultor, em média a R\$ 74,19/60 kg. Desta forma, a rentabilidade esperada para a safra 2016/17, em maio de 2017, deverá ser de cerca de R\$ 35,90/60 kg, caso os agricultores tenham fechado contratos antecipados próximos deste valor.

Feijão

O feijão, outra cultura importante para o Paraná, também sentiu os efeitos do clima em 2015/16, com quebra significativa de safra, fator que elevou os preços do grão no mercado interno. A análise da Conab apon-

ta para um incremento na área plantada de feijão na temporada 2016/17 em relação às safras anteriores. Uma das variáveis que deve ser levada em conta é o interesse dos produtores pela soja, que concorre com a primeira safra de feijão. Desta forma, a área será influenciada pelos estoques norte-americanos de soja e pelas perspectivas de clima que afetam o desenvolvimento da oleaginosa das lavouras americanas.

Em 2016, os preços recebidos pelos produtores, em termos reais, foram os maiores da história. Esse fator deve estimular o plantio de feijão no Brasil, assim como o clima que também deve colaborar com os produtores. A previsão é que o fenômeno La Niña reduza significativamente os riscos de excesso de chuvas durante as colheitas.

A expectativa é que a partir de outubro a oferta de feijão deverá reduzir bastante e os preços devem seguir em alta, podendo superar a cifra de R\$ 400 a saca do produto comercial. Esse cenário persiste até dezembro de 2016, quando começará a entrar no mercado uma parte da produção paranaense da safra das águas 2016/17.



Preocupação no campo

Permissão para o plantio antes do prazo final de vazio sanitário acendeu o sinal de alerta sobre a principal doença da soja



A permissão para o plantio de soja antes do prazo final de vazio sanitário no Paraná, que ocorreu entre 15 de junho a 15 de setembro, gerou preocupação entre as entidades ligadas ao agronegócio. A FAEP não recomenda a antecipação da semeadura, por entender que o processo pode comprometer a produtividade e também aumentar o ataque de ferrugem asiática. Da mesma forma, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a multinacional alemã Bayer alertam para o risco de perda do controle sobre a doença.

A possibilidade de antecipação no calendário ocorreu diante da Portaria nº 189/2016, publicada no final de agosto pela Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), que estabeleceu “para efeito fitossanitário, entende-se que não deve haver plantas de soja emergidas antes de 16 de setembro”. Ou seja, os produtores paranaenses estavam autorizados a semear a oleaginosa alguns dias antes do término do período de vazio sanitário, pois a emergência do grão ocorre entre cinco e sete dias, dependendo de fatores como temperatura, umidade do solo e profundidade de plantio.

Apesar da autorização legal, segundo especialistas, a antecipação do plantio não é interessante, pois pode comprometer a produtividade da planta e, principalmente, elevar o risco de incidência da ferrugem asiática. Atualmente, a doença é o principal problema da cultura no Brasil, com prejuízos na casa dos bilhões de reais a cada safra, tanto em função das perdas como nos gastos com fungicidas. Com a ferrugem, a planta tem desfolha precoce, má formação, menor desenvolvimento de vagens e perda de peso do grão.

“Semeaduras em épocas inadequadas podem afetar o porte, o ciclo e o rendimento das plantas e aumentar as perdas na colheita”, destacou, na época da publicação da Portaria, o engenheiro-agrônomo Fernando Aggio, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP.

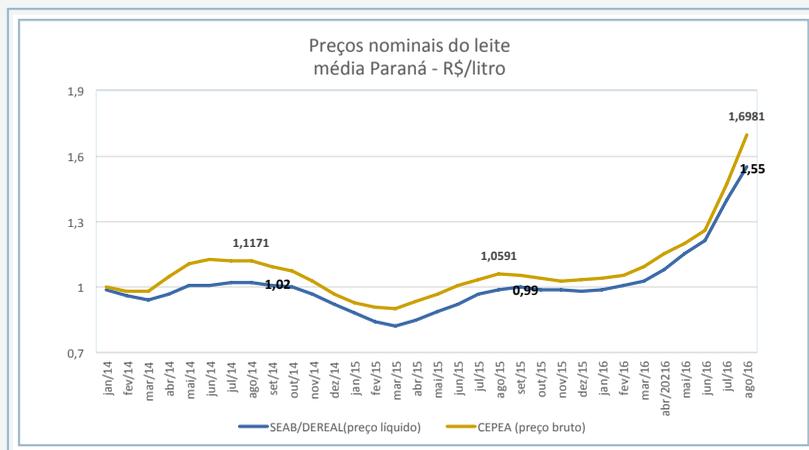
Para tentar conscientizar os produtores quanto a necessidade de combater as doenças da soja, principalmente a ferrugem asiática, a Embrapa e a Bayer lançaram, na semana passada, em Londrina, no Norte do Estado, uma parceria em buscar de soluções para a resistência de fungos a produtos químicos utilizados. O trabalho, com duração prevista para cinco anos, terá duas frentes: a identificação de pontos no genoma dos fungos para aumentar a sensibilidade a defensivos e o desenvolvimento de cultivares de soja menos suscetíveis a doenças.

Inicialmente, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), por possuir equipamentos modernos, irá realizar o sequenciamento do genoma da ferrugem asiática, que pode ser 15 vezes maior do que o comum. A partir daí, fungos mais antigos, que receberam pouca interferência de fungicidas, serão comparados com os atuais, mais resistentes, para identificar quais genes garantem a sobrevivência da doença e aprender a neutralizá-los. Na outra ponta, os esforços serão para desenvolver uma cultivar de soja resistente à doença.

Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Paraná / **CONSELEITE-PR**

RESOLUÇÃO Nº 09/2016

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 13 de setembro de 2016, na sede FAEP, na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em agosto de 2016 e a projeção dos valores de referência para o mês de setembro de 2016, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes.



VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - AGOSTO/2016

Matéria-Prima	Valor Projetado em agosto/2016	Valor Final agosto/2016	Diferença (projetado-final)
Leite PADRÃO	1,4021	1,3620	-0,0401

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - AGOSTO/2016 E PROJETADOS PARA SETEMBRO/2016

Matéria-Prima	Valores Finais agosto/2016	Valores Projetados setembro/2016	Diferença (projetado-final)
Leite PADRÃO	1,3620	1,2473	-0,1147

(*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite "posto propriedade", o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural

Observações: Os valores de referência indicados nesta resolução correspondem a matéria-prima leite denominada "Leite PADRÃO", que se refere ao leite analisado que contém 3,50% de gordura, 3,10% de proteína, 400 mil células somáticas/ml e 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de setembro de 2016 é de **R\$ 2,8172/litro.**

Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: www.conseleite.com.br

Curitiba, 13 de setembro de 2016

WILSON THIESEN Presidente | **RONEI VOLPI** Vice - Presidente

Maringá**Mandioca**

O Sindicato Rural de Maringá promoveu, nos dias 1º e 2 de agosto, o curso de Derivados de Mandioca. Participaram 13 pessoas com o instrutor Sérgio Kazuo.

Faxinal**Posse**

No dia 6 de agosto, o Sindicato Rural de Faxinal empossou sua nova diretoria, que comandará a entidade durante o triênio 2016- 2019. A chapa, composta por 21 membros, tem como presidente Alfredo A. Miguel Junior, como vice presidente Alcindo B. Aranha, como tesoureiro Alberto Arrigo Filho e secretário, Odair Aranha. O diretor financeiro da FAEP, João Luiz Rodrigues Biscaia, prestigiou o evento de posse.

Campina da Lagoa**Jantar**

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou no último dia 28 de julho, um jantar para seus associados e familiares em homenagem ao Dia do Agricultor, comemorado naquela data.

Bandeirantes**Condutores de Veículos**

O Sindicato Rural de Bandeirantes promoveu, entre os dias 1º e 5 de agosto, o curso Condutores de Veículos - DETRAN - movimentação e operação de produtos perigosos – MOPP. Participaram 19 pessoas com o instrutor Rovani Dutra de Souza.

Cianorte



Tratorista Agrícola

O Sindicato Rural de Cianorte promoveu, entre os dias 8 e 12 de agosto, o curso de Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas – Tratores e Implementos. Participaram 11 produtores rurais com o instrutor Lucas David Schemberger.

Pinhão



Mulher Atual

O Sindicato Rural de Pinhão, em parceria com a cooperativa Coamo, realizou, entre os dias 28 de junho e 17 de agosto, o curso Mulher Atual. Participaram 20 produtoras rurais com a instrutora Fabiola Bocalon Weiss.

Renascença



Tratorista Agrícola

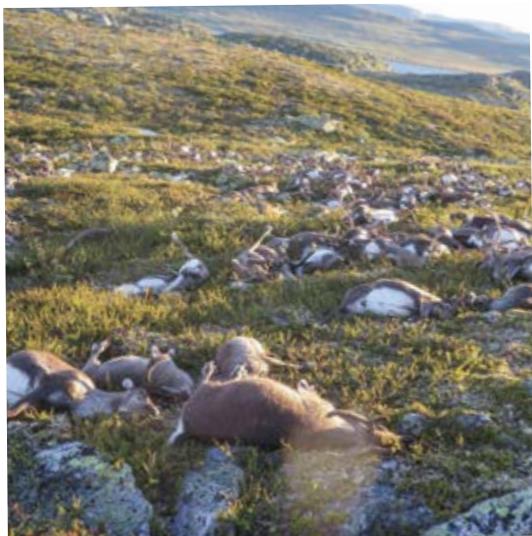
O Sindicato Rural de Renascença promoveu, nos dias 8, 9 e 10 de agosto, o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores agrícolas – Tratorista Agrícola – NR – 31. Participaram do curso, 15 agricultores com o instrutor Adelar Cagnini.

Francisco Beltrão



JAA

O Sindicato Rural de Francisco Beltrão iniciou, no último dia 18 de agosto, em sua extensão de base em Nova Prata do Iguaçu, mais uma turma do programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA). Participam jovens do 1º ano do Ensino Médio, com a instrutora Nágila Lavoratti.



Noruega sem Renas

Um raio matou 323 renas em um parque em Hardangervidda, na Noruega, durante uma forte tempestade ocorrida no final de agosto. Os animais foram encontrados por um guarda-florestal no parque nacional onde 10 mil renas vivem em liberdade. O número é impressionante e se dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, agora dá pra acrescentar que não atinja em grande escala.

Os elefantes

Esses paquidermes extremamente inteligentes vivem em sociedades complexas, nas quais prevalece uma hierarquia e demonstram solidariedade com outros animais. As fêmeas, quando grávidas, reconhecem e comem certo tipo de erva que induz o parto. Usam ferramentas para diversas finalidades. Por ocasião da morte de um membro do grupo, seguem rigorosos e complicados rituais fúnebres e costumam visitar os túmulos dos falecidos.



Proibido candidatos

Em época de eleições e tantos candidatos que às vezes fica difícil administrar tanta cortesia. Cansado do entra e sai de candidatos em sua propriedade, um agricultor do interior de Santa Catarina resolveu a situação colocando uma placa na entrada de acesso à sua propriedade com os seguintes dizeres: “Proibida a entrada de candidatos”. A quantidade de visitas estava atrapalhando os trabalhos diários na propriedade do agricultor. Se a moda pega...

Desejos ocultos

Desejos ocultos

O médico pergunta:

- O que o senhor tem?

O caipira responde:

- Uma muié, uma vaca e uma galinha...

-Não é isso... o que o senhor está sentindo?

- Ah, tá! Vontade de larga a muié, vende a vaca e comê a galinha com quiabo!



Tecnologia da roça

Um casal do interior do Mato Grosso desenvolveu uma tecnologia inovadora para abrigar suas galinhas caipiras. Investindo R\$ 900, o casal João Moreira (78 anos), popular João Calado, e sua esposa Terezinha Martins de Souza (67 anos) criaram o galinheiro móvel.

Eles esperam que elas demonstrem gratidão pela casa própria produzindo mais.



Primavera

Da janela do Sindicato Rural de Jacarezinho, Norte do Paraná, a visão privilegiada de orquídeas a florescer. Angélica Cruz não resistiu a imagem inspiradora e compartilhou conosco.

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail:

imprensa@faep.com.br



Chapéu

Quando os cavaleiros entravam num prédio eles tiravam o elmo (capacete) numa demonstração que se sentia entre amigos, portanto, salvos de qualquer perigo.

Os grandes

Schiman enlouqueceu; Tchaikowsky morreu de cólera; Blach e Handel cegaram e Beethoven ficou surdo. Pensando bem, é melhor não desenvolver sua genialidade.



Histórias de Futebol

O ex-jogador Neto virou motivo de piadas durante a transmissão da final do Mundial sub-20 entre Brasil e Portugal em 2011. O comentarista da Bandeirantes se empolgou ao elogiar o preparo físico do volante Fernando e afirmou que o meio-campista “parece até ter dois pulmões”. Dizem as más línguas que ele não é o autor da gafe. Um amigo de Romário teria reclamado de um passe longo com a afirmação: “Nem que eu tivesse dois pulmões alcançava essa bola.” Só a medicina para explicar as bizarrices do vocabulário futebolístico.



Estátuas coloridas

Sabe aquelas estátuas antigas e brancas, cor de gesso que você vê em livros e exposições? Esqueça. Segundo o arqueólogo Vinzenz Brinkmann e sua equipe usaram técnicas que permitiram ver restos de pintura. Recriando as peças descobriram que as milenares esculturas gregas e romanas estavam mais para os trajes de olodum, mais coloridas do que pensávamos.





Você é um envelhescente?

Se você tem entre 55 e 70 anos, preste bastante atenção no que se segue. Se você for mais novo, preste também, porque um dia vai chegar lá. E, se já passou, confira.

Sempre me disseram que a vida do homem se dividia em quatro partes: infância, adolescência, maturidade e velhice. Quase correto. Esqueceram de nos dizer que entre a maturidade e a velhice (entre os 55 e os 70), existe a envelhescência.

A envelhescência nada mais é que uma preparação para entrar na velhice, assim com a adolescência é uma preparação para a maturidade. Engana-se quem acha que o homem maduro fica velho de repente, assim da noite para o dia. Não. Antes, a envelhescência. E, se você está em plena envelhescência, já notou como ela é parecida como a adolescência? Coloque os óculos e veja como este nosso estágio é maravilhoso:

– Já notou que andam nascendo algumas espinhas em você? Notadamente na bunda?

– Assim como os adolescentes, os envelhescentes também gostam de meninas de vinte anos.

– Os adolescentes mudam a voz. Nós, envelhescentes, também. Mudamos o nos-

so ritmo de falar, o nosso timbre. Os adolescentes querem falar mais rápido; os envelhescentes querem falar mais lentamente.

– Os adolescentes vivem a sonhar com o futuro; os envelhescentes vivem a falar do passado. Bons tempos...

– Os adolescentes não têm ideia do que vai acontecer com eles daqui a 20 anos. Os envelhescentes até evitam pensar nisso.

– Ninguém entende os adolescentes... Ninguém entende os envelhescentes...

– Ambos são irritadiços, se enervam com pouco. Acham que já sabem de tudo e não querem palpites nas suas vidas.

– Às vezes, um adolescente tem um filho: é uma coisa precoce. Às vezes, um envelhescente tem um filho: é uma coisa "pós-coce".

– Os adolescentes não entendem os adultos e acham que ninguém os entende. Nós, envelhescentes, também não entendemos eles.

– Quase todos os adolescentes acabam sentados na poltrona do dentista e no divã do analista. Os envelhescentes, também a contragosto, idem.

– O adolescente adora usar uns tênis e uns cabelos. O envelhescente também. Sem falar nos brincos.

– Ambos adoram deitar e acordar tarde.

– O adolescente faz de tudo para aprender a fumar. O envelhescente pagaria qualquer preço para deixar o vício.

– Ambos bebem escondidos.

– A adolescência vai dos 10 aos 20 anos; a envelhescência vai dos 55 aos 70. Depois sim, virá a velhice, que nada mais é que a maturidade do envelhescente.

– Daqui a alguns anos, quando insistirmos em não sair da envelhescência para entrar na velhice, vão dizer:

– É um eterno envelhescente!

Que bom.

Escritor Mário Prata

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em / /
Em / /

Responsável _____

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br